

AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



EU MESMA. AINDA POSSO FALAR

MYSELF. I CAN STILL SPEAK

Profa. Dra. Sílvia Barros
Colégio Pedro II
silvialetras2003@yahoo.com.br

Resumo: Este ensaio propõe uma leitura do conto “A escrava” a partir de conceitos contemporâneos como lugar de fala, empoderamento, dororidade e interseccionalidade. O conto inclui a narrativa da própria escrava o que nos permite saber, por sua própria voz, os processos de violência que a condição de escrava a impingiu. A figura da mulher surge como potência para transformação social.

Palavras-chave: A escrava; Identidade; Lugar de fala; Mulheres.

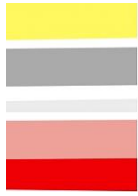
Abstract: *This essay proposes a reading of the story "A escrava" from contemporary concepts as a place of speech and empowerment. The story includes the narrative of the slave herself which allows us to know, by her own voice, the processes of violence that the slave condition impinged upon. The figure of woman emerges as a power for social transformation.*

Keywords: *A escrava; Identity; Place of speech; Women.*

1 Introdução

O título deste texto é fala da escrava Joana que, no conto “A escrava”, de Maria Firmina dos Reis, proferida quando a narradora está prestes a recolher informações sobre o senhor de escravos Tavares. Joana pouco fala sobre Tavares. Ela conta, no entanto, sua história, a história que a levou ao adoecimento psíquico e físico. Com esse relato ela fala sobre a vida de outras escravas e de outros senhores que, iguais a Tavares, eram a imagem do poder no sistema, enquanto os escravos eram vistos como pedaços de carne, braços para o trabalho sem alma, sem intelecto, sem voz. A voz da escrava Joana prenuncia a proclamação de Lélia Gonzales em “Racismo e sexismo na cultura brasileira”: “o lixo vai falar”. Quando Lélia avisa aos brancos que chegou a hora dos negros falarem, ela nos lembra também de que já estamos muito atrasados no processo de autorrepresentação da pessoa negra.

A representação das pessoas negras na literatura foi realizada, majoritariamente, por pessoas brancas que as embranqueceram ou as exterminaram da narrativa. Mesmo quando pessoas negras tiveram a oportunidade de ter sua obra lida, essas pessoas eram homens. Assim, as mulheres ficaram à margem da margem, na condição de outro em relação aos homens brancos, mulheres brancas e homens negros. Sobre essa “outridade”, Djamilia Ribeiro, em *O que é lugar de fala?* nos lembra que mesmo quando esse outro fala, há um movimento



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



de tapar os ouvidos para que não as mudanças não aconteçam e o *status quo* continue incólume:

Necessariamente, as narrativas daquelas que foram forçadas ao lugar do *Outro*, serão narrativas que visam trazer conflitos necessários para a mudança. O não ouvir é tendência a permanecer num lugar cômodo e confortável daquele que se intitula poder falar sobre os *Outros*, enquanto esses *Outros* permanecem silenciados (RIBEIRO, 2017, p. 78).

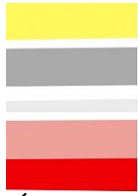
O conto “A escrava”, junto à obra completa de Maria Firmina dos Reis, representa essa força de fala que tenta abalar estruturas, mas não é ouvida, fica excluída das páginas dos compêndios literários e das estantes das bibliotecas brasileiras. Maria Firmina dos Reis representa, na arte literária, o apagamento da mulher negra e abolicionista que esteve ativa nos momentos decisivos para a libertação dos escravos e usou a literatura como uma das suas formas de ação. Na intersecção raça e gênero, Maria Firmina ficou de fora do conjunto que representa o chamado cânone literário, bem como da história da abolição da escravatura, pelo menos da história hegemônica reproduzida pelas instituições de poder.

Nesse contexto, Maria Firmina dos Reis incorpora a necessidade de expressão dos oprimidos na narrativa apresentada no conto aqui estudado. Por isso, a escritora maranhense é lida aqui pelo viés do feminismo negro contemporâneo. São trazidas as palavras e os pensamentos de Lélia Gonzales, Djamila Ribeiro, Joice Berth e Vilma Piedade para entender a produção de uma mulher negra do século XIX por suas herdeiras de luta social e intelectual.

2 Eu sou o meu lugar de fala

O conceito de lugar de fala, trazido à baila recentemente pelo feminismo negro e divulgado no Brasil, principalmente, pela filósofa Djamila Ribeiro, diz respeito a possibilidade da fala a partir de um lugar de vivência, ou seja, produzir saberes que levem em consideração os feixes identitários que constroem cada indivíduo. No caso do povo africano/negro escravizado, essa ideia está relacionada ao direito à existência em si. Nas palavras de Djamila (2017): “quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de *locus* social, de como esse lugar imposto dificulta a transcendência (p. 64).

Nesse sentido, a voz do escravizado e da escravizada sempre foi agenciado pelos poetas e escritores que, mesmo ao defendê-los, raras vezes colocaram em suas bocas as palavras de sofrimento e desejo de libertação como faz Maria Firmina dos Reis no romance



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



Úrsula e no conto “A escrava”. É possível explicar o posicionamento da escritora por sua condição de afrodescendente, de pessoa que escapou da escravidão por um triz, porém não deixou de ser vítima perseguição e discriminação por ser mulher e negra.

A composição das duas personagens, a mulher branca de orientação abolicionista que ajuda os escravos fugidos, e a escrava Joana à beira da morte por consequência dos maus tratos sofridos ao longo de toda a vida, revela a postura de dar voz às subalternidades daquela época, que, aliás, persistem sendo hoje também aviltadas pelo patriarcado racista. A mulher que conta a história de Joana, o faz para sensibilizar os convidados de uma festa quando, ao longo de uma conversa sobre diversos assuntos, começam a falar sobre a escravidão. Essa mulher, que não tem nome, inicia sua narração usando recursos tão caros à estética romântica:

Era uma tarde de agosto, bela como um ideal de mulher, poética como um suspiro de virgem, melancólica e suave como sons longínquos de um alaúde misterioso. Eu cismava embevecida na beleza natural das alterosas palmeiras, que se curvavam gemebundas, ao sopro do vento, que gemia na costa (REIS, 2004, p. 243).

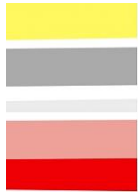
A introdução de seu relato remete à imagética romântica e a ironiza, pois ela não está de fato aderindo a essa estética, mas causando uma sensação de aproximação com o público que logo será rompida quando aparecerem as figuras dos escravos e do capataz. A narradora prepara o público usando uma estratégia de atração da atenção, já que esses recursos da narrativa romântica são populares entre as classes privilegiadas da sociedade brasileira do século XIX. Além desse recurso discursivo, a personagem usa também o suspense, adiando sempre a revelação da identidade das personagens que vão aparecendo, mantendo, assim, a participação dos convivas da festa e, conseqüentemente, dos leitores. Com isso, ela garante que as pessoas ouçam a história de Joana e de Gabriel, protagonistas de fato desse relato, tendo inclusive o nome próprio que ela mesma não se atribui.

Esse jogo de nomes dados e nomes omitidos é uma estratégia para dar visibilidade ao subalterno, deixando anônima a filantropa que os ajudou, invertendo, assim, os papéis e permitindo que Joana ocupe o lugar que lhe cabe: de narradora de sua própria história. A proposta narrativa de Maria Firmina dos Reis é capaz de mover os olhos/ouvidos do leitor/expectador da narradora privilegiada, supostamente uma mulher branca, para uma narradora inédita, a escrava negra.

Ao contar sua história, Joana não relata as cenas de castigos e os trabalhos duros a que foi submetida, ela se concentra na crueldade que foi a desagregação forçada de sua família

pela dor da humilhação, pelo adoecimento psicológico e físico. A descoberta da falsa alforria de Joana faz com que mãe entre em colapso e morra dias depois, tornando a sobrevivência de Joana ainda mais difícil. O agravamento do estado emocional de Joana se dá quando, mais velha, ela tem seus dois filhos, gêmeos, vendidos, levados por um homem que ela denomina “traficante de carne humana”. A expressão escolhida, assim com outras que aparecem ao longo do conto, manifesta-se como um importante recurso de persuasão, pois ela coloca e retira, simultaneamente, a humanidade daqueles indivíduos. Ao mesmo tempo que a palavra “humana” os tira da posição de “meros escravos”, os termos traficante e carne os recoloca na posição de objetos. É a representação da visão de Joana, da narradora e da autora, em face à visão dos senhores de escravas e defensores da manutenção da escravidão. O que alguns veem como seres humanos, outros veem como um pedaço de carne a ser comprado e vendido; é papel do leitor ou do ouvinte da história decidir de que lado está.

O impacto da fala de Joana deve atingir a todos, leitores do seu tempo, leitores do agora, ouvintes ficcionais da história e atinge, principalmente, a narradora do relato que, durante a pausa na fala de Joana, diz: “Aqui a mísera calou-se; eu respeitei o seu silêncio que era doloroso” (REIS, 2004, p. 257). Há uma multiplicidade semântica construída pela combinação entre o substantivo “silêncio” e o adjetivo “doloroso”. Joana está em situação de dor física, ela está à beira da morte, em esforço profundo para terminar de narrar sua história. Ao mesmo tempo, a personagem que acolhe sua história percebe que para Joana é doloroso silenciar, pois ela está, pela primeira e única vez, tendo a oportunidade de narrar sua própria história. Além disso, é doloroso para a mulher que vê Joana morrer notar que esse silêncio é a continuidade de um silêncio da vida toda, antecipando, também, seu falecimento. Nosso olhar, mais contemporâneo, entende também que é doloroso o silêncio histórico e literário a que os escravos e seus descendentes foram submetidos. Maria Firmina dos Reis é uma dessas pessoas, então, no papel de autora, ela dá voz à Joana sem esquecer a dor que subjaz o silenciamento coletivo. São todas mulheres envolvidas no ato de dar conta da própria existência e proclamá-la. Tal configuração remete ao conceito recentíssimo de “dororidade”, cunhado por Vilma Piedade em livro de mesmo nome. Nesse livro ela fala sobre a dor histórica da diáspora e seus ecos na vida contemporânea, levando em consideração que, apesar das diferentes opressões a que somos submetidas, mulheres brancas também estão envolvidas na dororidade:



Em dez anos (de 2005 a 2015), o índice de homicídios de não pretas caiu 7,4%. Já entre as Pretas, cresceu 22%. Outro número da mesma pesquisa: 65,3% das mulheres assassinadas no Brasil, em 2015, eram Pretas. Diante das trágicas estatísticas, dessa Dororidade histórica, precisamos praticar cada vez mais a Sororidade. Fortalece a todas nós. Mulheres. Pretas. Brancas. Dororidade trata no seu texto, subtexto, das violências que nos atingem a cada minuto (PIEDADE, p. 14, 2017).

Quando a personagem que tem o privilégio da fala e da liberdade sente a dor de Joana, ela se assemelha a tantas mulheres brancas e com privilégio de classe que se alinham às lutas comuns com as negras. A partilha da dor como fortalecimento e resistência é praticada pela personagem que sente a dor da outra, reconhecendo em Joana algo de si mesma.

3 Feixes identitários

Da mesma forma que o nome da narradora do conto não é dito, sua aparência também não é revelada. Podemos imaginar, pelo fato de ser aceita em um “salão onde se achavam reunidas muitas pessoas distintas, e bem colocadas na sociedade” (REIS, 2004, p. 241) que ela seja branca. Além disso, ela é proprietária de uma casa e tem funcionários que a auxiliam, sendo bem tratada também pelo capataz e pelo fazendeiro senhor de escravos.

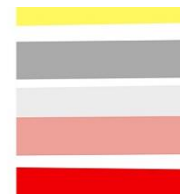
Joana, também não é descrita fisicamente, mas sua condição de escrava não deixa dúvidas em relação ao seu fenótipo. Maria Firmina vai mais adiante da óbvia negritude de Joana, permitindo que ela descreva sua família, trazendo, de forma surpreendente, o elemento indígena para a narrativa na figura de seu pai:

– Minha mãe era africana, meu pai de raça índia; mas eu de cor fusca. Era livre, minha mãe era escrava.
Eram casados e desse matrimônio, nasci eu. Para minorar os castigos que este homem cruel infligia diariamente à minha pobre mãe, meu pai quase consumia seus dias ajudando-a nas desmedidas tarefas; mas ainda assim, redobrando o trabalho, conseguiu um fundo de reserva em meu benefício (REIS, 2004, p. 254).

Esse índio de que ela fala muito se afasta da figura do indígena típica do romantismo e das informações tradicionalmente transmitidas pelo relato histórico hegemônico. Ele é livre, mas trabalha em troca de pagamento para comprar a liberdade da filha e para diminuir os sofrimentos da companheira que é escrava. A liberdade e a escravidão parecem condições muito próximas quando se trata de indivíduos subalternizados.



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



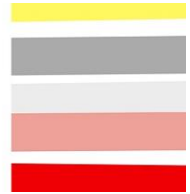
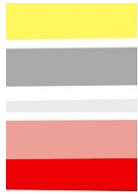
A descrição da família revela informações importantes sobre a constituição étnico-racial brasileira em que a miscigenação não se deu apenas por via da violência de brancos contra negros, mas se fez pela união entre aqueles considerados de raças inferiores. Outra personagem que aparece rapidamente como referência à miscigenação e às interdições feitas aos escravos é o escravo mulato que sabia ler e ensinou Joana. A menina sentiu a dor de ler a própria carta de alforria falsa, golpe que não teria acontecido se seu pai ou sua mãe fossem capazes de ler.

Fruto da mestiçagem, Maria Firmina foi considerada filha ilegítima, por isso viveu com uma tia. Assim como Joana, sua origem étnica não permitiu que ela vivesse em uma família de organização tradicional. Além disso, sua história mostra como ela conhecia o valor da educação, vista como algo perigoso pelos brancos, já que ela facilitaria o conhecimento de valores e direitos de que os indivíduos negros também desejariam gozar. Há relatos de que Maria Firmina fundou a primeira escola mista do Brasil, em Maçarico-MA, sendo obrigada a fechar depois de pouco mais de dois anos de funcionamento.

É nítido que a condição de negra não é a única que interessa a Maria Firmina, já que ela coloca as mulheres no centro das narrativas como pessoas potentes e realizadoras. Lélia Gonzales nos lembra que as categorias neutras não dão conta de discutir o problema específico da mulher negra:

Exatamente porque ele lhes nega o estatuto de sujeito humano. Trata-os sempre como objeto. Até mesmo como objeto de saber. É por aí que a gente compreende a resistência de certas análises que, ao insistirem na prioridade da luta de classes, se negam a incorporar as categorias de raça e sexo (GONZALES, 1984, p. 232).

Falar sobre os escravos, de modo geral, pressupunha um discurso de desumanização, quando se trata da mulher esse aspecto se agrava. Lélia faz uma análise da sociedade brasileira pelo viés do que hoje é chamado de interseccionalidade, que seria um entendimento cruzado das identidades de classe, raça e gênero. De certa forma, no conto que estamos estudando, Maria Firmina dos Reis faz algo semelhante, dando humanidade à Joana, como mulher escravizada – enfatizando a perda dos filhos, por exemplo – a partir do relato de uma outra mulher que, muito corajosamente, resolve interceder por ela e contar essa história diante de muitas pessoas pertencentes às classes privilegiadas que se beneficiaram da mão de obra dos africanos e seus descendentes.



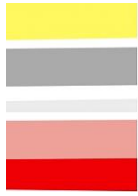
Ainda discutindo a figura da narradora, percebemos que, além de tomar a fala na festa e tentar argumentar contra a escravidão, ela não aparece associada a nenhum homem – pai, marido ou filho – que servisse de legitimador de seus atos. A postura ativa da mulher contrasta com os moduladores sociais de comportamento, como se observa na cena em que o senhor Tavares chega à sua casa para tomar satisfação sobre os escravos:

No dia seguinte, era já tarde, estava quase a desfilar o saimento da infeliz Joana, quando à porta da minha casinha, vi appear-se um homem. Era o senhor Tavares. Cumprimentou-me com maneiras da alta classe, e disse-me:
– Desculpe-me querida senhora, se me apresento em sua casa, tão brusca e desazadamente; entretanto...
– Sem cerimônia, senhor, disse-lhe, procurando abreviar aqueles cumprimentos que me incomodavam.
Sei o motivo que aqui o trouxe, e podemos, se quiser encetar já o assunto (REIS, 2004, p. 260).

A mulher não aceita os salamaleques forçados de Tavares e não deseja alongar muito o contato que com ele. Não há convite para que adentre sua casa, nem demonstração de respeito. O texto, assim como a própria personagem, é objetivo ao mostrar que esse relato está motivado pela necessidade de argumentar nos dois planos: na festa em que os convidados conversam sobre a condição do escravo e na revista Maranhense onde o conto foi publicado originalmente. Ficção e realidade de interpenetram no procedimento bem típico do romantismo de tentar dar veracidade aos fatos ao encenar um relato supostamente verdadeiro.

Retomando a cena em que Tavares chega para buscar Gabriel, o que primeiro chama atenção é que ela começa em momento próprio ao enterro de Joana, nos lembrando que o encontro entre as duas mulheres não serviu apenas para alertar uma sobre os sofrimentos da segunda. O zelo da narradora por Joana e Gabriel continuou, inclusive na preocupação para que a mulher ganhasse um enterro digno, longe de seus algozes. Sendo um deles o home que bate à porta e cumprimenta a mulher com maneiras de alta classe, ou seja, esse homem se identifica com a alta classe e identifica na mulher a quem cumprimenta a mesma origem. Origem essa que ela parece negar ao usar o diminutivo “casinha”. Essa narradora quer ser reconhecida como alguém humilde, apesar de ter patrimônio e empregados, porque se identifica muito mais com o sofrimento de outra mulher do que com o pertencimento a uma classe que mantém e patrocina a escravidão.

Nesse sentido, ser mulher é importante, pois marca a presença de uma pessoa já subalternizada na sociedade patriarcal lutando por outra que está em um patamar ainda mais baixo. Apesar de não ser explicitado em momento algum se essa mulher vivia com seus



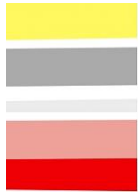
membros da família, o que podemos entender é que ela vive de forma independente, tomando decisões por conta própria contrárias ao desejo do homem que é supostamente proprietário dos escravos. Sua atitude de afronta ao poder desconcerta o senhor de escravos:

- Pelo amor de Deus, minha mãe, gritou Gabriel, completamente desorientado – minha mãe, leva-me contigo.
- Tranquiliza-te, lhe tornei com calma: não te hei já dito que te achas sob minha proteção? Não tem confiança em mim?
- Aqui o senhor Tavares encarou-me estupefato – e depois perguntou-me:
- Se significam essas palavras, minha querida senhora? Não a compreendo.
- Vai compreender-me, retorqui, apresentando-lhe um volume de papéis subscritos e completamente selados.
- Rasgou o sobrescrito, e leu-os. Nunca em sua vida tinha sofrido tão extraordinária contrariedade.
- Sim, minha senhora, redarguiu, terminando a leitura: o direito de propriedade, conferido outrora por lei a nossos avós, hoje nada mais é que uma burla...
- A lei retrogradou. Hoje protege-se escandalosamente o escravo, contra seu senhor: hoje qualquer indivíduo diz a um juiz de órfãos.
- Em troca desta quantia exijo a liberdade do escravo fulano – haja ou não aprovação do seu senhor (REIS, 2004, p. 261-262).

A sequência de diálogos apresenta um dado muito importante para a leitura do conto: a essa altura, 1887, ano anterior à assinatura da lei áurea, uma série de outros aparatos legais e procedimentos já haviam sido criados. A narradora faz uso da possibilidade de solicitar a um juiz que a alforria de Gabriel, agora órfão, fosse dada. Esse recurso permite que ela não se amedronte diante da violência do homem que chega em sua casa exigindo que devolva seus bens (pessoas). O desejo de Maria Firmina dos Reis pela educação de homens e mulheres passava pela noção de que o conhecimento – este que permite à narradora conhecer seus direitos e escrever uma petição ao juiz – é uma ferramenta de emancipação.

4 O corpo negro, mesmo morto, fala

A história do negro na narrativa brasileira mostra que as primeiras aparições dessa personagem estão fadadas à morte e ao embranquecimento. “A escrava” marca a transição do corpo sem vida para o corpo vivo e salvo, já que Joana morre e Gabriel fica. A morte de Joana não configura seu desaparecimento total, uma vez que o senhor Tavares vê seu corpo e fala com ele e sobre ele:



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



– Sei que esta negra está morta, exclamou ele, e seu filho acha-se aqui: tudo isto teve a bondade de comunicar-me ontem. Esta negra, continuou, olhando fixamente para o cadáver – esta negra era alguma coisa monomaniaca, de tudo tinha medo, andava sempre foragida, nisto consistia sua existência. Morreu, não lamento esta perda; já para nada prestava. Antônio, meu feitor, que é um excelente e zeloso servidor, é que se cansava de procurá-la (REIS, 2004, p. 260-261).

Maria Firmina dos Reis propõe uma literatura que humanize o povo negro, inclusive na hora da morte, que é narrada como um elemento de função central na história. Para isso ela também expõe, na figura de Tavares o processo de desumanização que coloca Joana no papel de coisa, uma coisa inútil.

Ao morrer, Joana continua sendo um indivíduo que compõe uma mensagem contra a escravidão. Ela é apresentada ao senhor como um patrimônio perdido e, ao mesmo tempo, alguém que recuperou a dignidade ao contar sua própria história antes de morrer e ao morrer sob os olhares e seu filho e sua desconhecida protetora, em vez de fazê-lo sob o chicote.

Essa é a herança que perdura também entre nós: os corpos mortos não deixam de ecoar a luta pela liberdade, pela reparação, pela inclusão de escritoras como Maria Firmina dos Reis na história da literatura brasileira, pelo fim do genocídio da juventude negra, pela possibilidade de felicidade.

5 Considerações finais

Esta leitura do conto “A escrava”, de Maria Firmina dos Reis, ousa utilizar como base teórica conceitos elaborados por nossas contemporâneas, levando em consideração que as questões relacionadas à subalternização dos negros e das mulheres é atual e urgente. O desejo de mudança que move Maria Firmina dos Reis a escrever uma literatura engajada é o mesmo que movimenta Lélia Gonzales, Joice Berth, Djamilia Ribeiro e Vilma Piedade, para citar algumas das autoras que auxiliaram a escrita deste texto.

Maria Firmina dos Reis é nossa contemporânea pela atualidade de seu texto e pela presença, infelizmente recente, nas discussões sobre a produção literária e intelectual das mulheres negras. Tudo isso nos convoca para que nos apoderemos da herança que ela e outras deixaram e nos empoderemos como indivíduos que têm uma história de luta e coragem em ambientes hostis de dominação masculina e branca.



AFLUENTE:
REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



Referências

BERTH, Joice. *O que é empoderamento?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, p. 223-244, 1984.

PIEIDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2017.

REIS, Maria Firmina dos. A escrava. In. *Úrsula; A escrava*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: Puc Minas, 2004.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

**Recebido em: 13 de julho de 2018.
Aprovado em: 12 de agosto de 2018.**